

Facebook – Um novo espaço autobiográfico? **Facebook - A new autobiographical place?**

Maria Tereza Gomes de Almeida Lima*
Ketly Mayara de Melo Jaques**
Tamires Maria Pereira Ávila***

RESUMO: O artigo “*Facebook – Um novo espaço autobiográfico?*”¹ tem como objetivo central investigar como a perspectiva autobiográfica e biográfica se configura em uma rede social. Levando em consideração esse novo espaço de exteriorização da memória, analisamos as escolhas de uma pessoa ao postar os mais diversos gêneros textuais no *Facebook* e verificamos até que ponto tais fragmentos textuais narram a história de um indivíduo. Quais textos são postados? O que foi escolhido e o que foi excluído desse perfil? O autor trava um pacto de leitura com o leitor? Se levarmos em consideração que os textos postados nessa rede social são textos produzidos pelo próprio autor do perfil e de autores diversos, como configuraremos esses espaços virtuais? Autobiográficos e biográficos? Quem escreve a página virtual é o próprio autor do perfil ou múltiplos autores? Com as redes sociais, surge um novo modelo de autobiografia e de biógrafo? Esses e tantos outros questionamentos nortearam nossas investigações e permitiram-nos conhecer um pouco mais sobre as estratégias autobiográficas dos autores virtuais contemporâneos.

ABSTRACT: The article “Facebook - A new autobiographical place?” is mainly aimed to investigate how the autobiographical perspective is configured in a social network. Taking into account this new place for expressing memory, we analyze the choices of a person to post the most diverse genres on Facebook and check to what extent these textual fragments tell the story of an individual. What kind of texts are posted? What was chosen and what was excluded from this profile? Does the author fasten a reading pact with the reader? If we take that into account, the texts posted in this social network are texts produced by the author's profile and by different authors, how will we configure these virtual spaces? Is it Autobiographical and biographical? The person who writes the virtual page is the profile of the author himself or multiple authors? Together with social networks, does it emerge a new autobiography model and a biographer? These and many other questions guided our investigations and allowed us to learn a little more about the autobiographical strategies of contemporary virtual authors.

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves (Iptan).

** Aluna de graduação do curso de Administração do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves (Iptan).

*** Graduada em Administração no Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves (Iptan).

¹ O projeto de pesquisa que resultou neste artigo contou com o financiamento da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular (FUNADESP) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Participaram da pesquisa e da redação deste artigo as alunas bolsistas de iniciação científica Tamires Maria Pereira Ávila e Ketly Mayara de Melo Jaques, graduandas do Curso de Administração do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves (Iptan).

PALAVRAS-CHAVE: Facebook.
Autobiografia. Hipertexto. Memória.

KEYWORDS: Facebook. Autobiography.
Hypertext. Memory.

1. Introdução

Máquinas fotográficas digitais, computadores, *Smartphones*, *Tablets*, muitos são os equipamentos eletrônicos que capturam, embalam e preservam as lembranças do homem contemporâneo. Além de todos esses aparelhos, as redes sociais são também importantes arquivos da memória do homem do século XXI. Através desses novos espaços virtuais, muitas pessoas guardam vídeos, publicidades, fotografias, pensamentos, comentários e histórias de vida. Ou seja, muito da memória contemporânea é exteriorizada e arquivada nas redes sociais.

Nesse sentido, o texto que aqui se configura, além de analisar a perspectiva memorialística de uma rede social, o *Facebook*, tem também o propósito central de investigar até que ponto o perfil de um usuário dessa rede aproxima-se e/ou distancia-se das tradicionais narrativas biográficas e autobiográficas. Mas, antes mesmo de empreendermos as análises no perfil a ser investigado: um indivíduo do sexo masculino, de 41 anos de idade, cujas iniciais são ML, é fundamental que façamos algumas ponderações. O que entendemos e consideramos ser uma narrativa tradicional? Quais são os pontos e contrapontos existentes entre os textos biográficos e autobiográficos?

As peculiaridades que transitam entre o texto biográfico e autobiográfico certamente aparecerão ao longo de toda a pesquisa, à medida que formos analisando o *corpus* de investigação – o perfil de ML. Quanto à questão narratológica, lançando mão de um viés comparatista, acreditamos que o estudo de modelos narrativos de tempos anteriores trará luz aos estudos narrativos contemporâneos e vice-versa, já que um perfil virtual – modelo textual típico da atualidade – é composto por elementos que em muito se diferem da escrita narrativa linear e sequenciada que durante séculos preencheu as folhas de papel da maioria das pessoas (de tempos anteriores e ainda da contemporaneidade).

2. Da folha de papel ao texto virtual

Para compreendermos melhor como se deram mudanças tão profundas na forma como o ser humano, durante séculos, exteriorizou e ainda exterioriza em uma superfície o signo verbal e o icônico, faz-se necessária uma retrospectiva na linha do tempo, refletindo sobre o principal

modelo de exteriorização da memória – o livro –, objeto que armazenou e ainda armazena narrativas.

Começamos, então, pelos escritos da Idade Média, primeiros esboços dos livros impressos conforme os conhecemos na atualidade. Vale destacar que, antes mesmo de os textos serem escritos em folhas de papel, existiram outras formas de exteriorização da escrita – imagens gravadas nas cavernas, textos grafados em tabuinhas de argila, em rolos de papiro ou em rolos de pergaminho.

Retornando às obras medievais, de acordo com Pierre Lévy (2006, p. 35), elas eram muito grandes e pesadas, suas páginas eram dobradas e costuradas. O *códex*, volume manuscrito antigo, era acorrentado nas bibliotecas e lido em voz alta no atril desses locais. Com o passar dos anos, as extensas folhas divididas apenas em duas partes (*in folio*) começaram a sofrer modificações em sua dobradura e passaram a ser divididas em oito partes (*in octavo*):

[...] Mas para que o *Timeu* ou a *Eneida* coubessem em um volume tão pequeno, Aldo Manucio, o editor veneziano que promoveu o *in-octavo*, inventou o estreito caractere itálico e decidiu livrar os textos do aparelho crítico e dos comentários que os acompanhavam há séculos... Foi assim que o livro tornou-se fácil de manejar, cotidiano, móvel e disponível para a apropriação pessoal (LÉVY, 2006, p. 35).

No período medieval, a escrita se dava de modo linear e sequencial, sem nenhum tipo de interrupção, já que os comentários extensos e os textos críticos que acompanhavam as obras antigas foram aos poucos sendo removidos. A consequência da eliminação de tudo que não fazia parte da escrita primeira da obra e a nova forma de dividir/dobrar as páginas dos compósitos resultaram objetos menores e mais fáceis de serem manuseados e transportados. Nessa perspectiva, além do tamanho dos livros, da forma como as páginas eram dobradas e do modo como a escrita se configurava nas páginas, o contato entre homem e objeto de leitura também foi modificado. Ou seja, a relação entre leitor e obra tornou-se mais individual e pessoal e, automaticamente, menos coletiva.

Após o século XV, o documento impresso e a multiplicação das cópias puseram em prática a noção de interface da escrita, que não é algo exclusivo da comunicação contemporânea. A impressão das obras, além da questão quantitativa, possibilitou a invenção de uma interface cada vez mais padronizada – aos poucos foram surgindo os sumários, títulos, cabeçalhos, referências cruzadas, notas, numeração das páginas.

As informações passaram a ser cada vez mais organizadas e padronizadas, proporcionando ao leitor uma melhor visualização dos dados. Nesse sentido, a pesquisa tornou-se mais fácil, rápida e dinâmica. Hoje, essa interface antiga – e, ao mesmo tempo, tão atual, pois tão presente nas obras que nos rodeiam – é extremamente importante para o manuseio de qualquer compêndio.

Apesar de as interfaces estarem presentes em diversos escritos do nosso dia a dia, como elas se configuram quando nos referimos a obras alocadas nos espaços virtuais? Elas se restringem apenas a sumários, cabeçalhos, títulos, notas de rodapé, referências? A resposta é negativa. As interfaces virtuais vão muito além das físicas e delimitadas das folhas de papel. Elas dialogam com os espaços híbridos, reticulares, voláteis, móveis e atemporais da virtualidade contemporânea.

Pierre Lévy (2006) afirma que a época, a cultura e diversas circunstâncias alteram a maneira de o ser humano pensar, sentir e se relacionar com as coisas – e vice-versa. A tecnologia está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, promovendo novas inteligências e novas formas de cultura, alterando, assim, as relações entre o homem e o seu entorno. O mundo das telecomunicações e da informática tem provocado novas formas de pensar, de agir e de interação entre o homem e o mundo.

O advento da informática viabilizou possibilidades outras quanto à obtenção do conhecimento. A informação disponibilizada nos computadores pode ser acessada de forma inimaginavelmente rápida e de maneira bastante seletiva. Através das telas dos computadores, disseminou-se o que Lévy chama de princípios básicos da interação amigável:

- a representação figurada, diagramática ou icônica das estruturas de informação e dos comandos (por oposição a representações codificadas ou abstratas);
- o uso do “mouse” que permite ao usuário agir sobre o que ocorre na tela de forma intuitiva, sensoriomotora, e não através do envio de uma sequência de caracteres alfanuméricos;
- os “menus” que mostram constantemente aos usuários as operações que ele pode realizar;
- a tela gráfica de alta resolução (LÉVY, 2006, p. 36).

Além de interagir com um modelo de interface mais gráfico, fácil, intuitivo, dinâmico e visual, os princípios básicos de interação amigável também viabilizaram ao usuário a possibilidade de manusear uma infinidade de gêneros textuais. Então, cabe aqui uma pergunta que é de fundamental importância para o caminhar desta discussão. Um emaranhado de textos

– vídeos, comentários, fotos, mensagens, tirinhas, poemas etc. – pode ser lido e enxergado como um texto narrativo?

Muitas reflexões contemporâneas permitem-nos enxergar os diversos gêneros textuais postados em uma rede social como um texto, ou melhor, como uma narrativa. Tempos atrás, um compósito cheio de cacos, fragmentos e pedaços de textos não era lido como uma narrativa. As histórias não se faziam com “retalhos” de diferentes gêneros textuais produzidos por diversos autores. Geralmente, somente as palavras que percorriam linearmente as folhas de papel e que preenchiam as páginas escritas por um único autor eram consideradas uma narrativa.

A semiótica peirceana é um dos operadores de leitura contemporâneos capazes de conectar textos atravessados por redes de linguagem, como os da nossa investigação. Tendo como base o movimento em processo – a não linearidade –, a semiose, ou ação do signo, é sustentada pela lógica da incerteza, pela intervenção e pelo acaso, estando sempre aberta à introdução de novas ideias.

Utilizando um instrumento teórico abrangente, capaz de abarcar as inferências e o inusitado – no modo inovador como os elementos já existentes podem ser correlacionados –, a teoria peirceana possibilita que leituras novas e reveladoras surjam através das muitas maneiras como espaços híbridos e intervalares, como os nossos, são combinados.

Assim como a semiótica de linha peirceana, a concepção de rizoma de Deleuze e Guattari também é, certamente, uma ferramenta importante para lermos os textos postados em uma rede social, pois, com ela, podemos conectar

[...] um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 32).

A discussão de Deleuze e Guattari permite-nos correlacionar alguns dos infinitos pontos que compõem as páginas de um *Facebook* e, assim, colocar em jogo “regimes de signos muito diferentes”. Dessa forma, podemos conectar um pouco da multiplicidade de gêneros textuais que são postados em uma rede social e então construir uma das infinitas leituras possíveis de um perfil virtual.

Assim como o rizoma deleuziano, com seus múltiplos nós, pontos e interconexões, o conceito de “hipertexto”, cunhado por Theodore Nelson, a partir de um sistema de informática

no início dos anos sessenta, é também um importante operador de leitura/escrita não linear. O mundo das telecomunicações e da informática dialoga com teias, redes e flutuações, viabilizando a correlação entre a infinidade de textos que compõem uma página virtual:

A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais à frente outras paisagens do sentido (LÉVY, 2006, p. 26).

A rede hipertextual está em constante construção e renegociação, pois tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Os nós de um hipertexto – assim como os da nossa investigação – podem ser palavras, imagens, gráficos, fotos, vídeos, pensamentos, músicas, ou seja, uma infinidade de coisas pode compor um sistema em rede. Os itens de informação desses elementos não são ligados linearmente, mas a maioria deles estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto é desenhar um percurso complicado, pois um nó pode remeter a outro nó e em cada nó pode-se conter uma rede inteira. Só mesmo através de uma metamorfose constante de uma rede associativa – que constitui o universo mental de quem constrói e/ou de quem lê uma rede – é que poderemos ler as narrativas que montam e remontam um perfil do *Facebook*.

3. A leitura/escrita reticular de um perfil virtual

Analisando, então, o perfil de ML, observamos que a característica que primeiro nos chamou a atenção foi a não linearidade das informações – um dos aspectos dos hipertextos. Ao olharmos o perfil do autor, percebemos que os textos que lá foram publicados estavam em constante movimento, construção e renegociação. Ou seja, de imediato identificamos a noção de hipertexto de Pierre Lévy no perfil investigado.

No âmbito da informática, o conceito de hipertexto consiste na escrita/leitura multidimensional e não linear. A velocidade para obtenção da informação é instantânea, apenas com um clique sobre o botão o usuário é capaz de atravessar várias informações, passando de um assunto a outro, de um nó a outro, configurando sempre um novo sistema de escrita e de leitura à medida que a navegação vai avançando.

Esse repasse de um nó a outro foi por nós observado quando analisamos pela primeira vez o perfil de ML. O primeiro texto que compunha a página do usuário era um *cartum*

compartilhado por ele de outro perfil.² Ao selecionar esse texto, ML não só escolheu algo que lhe parecesse interessante ou que de certo modo dialogava com seus pensamentos ou sentimentos, como também fixou em sua página um texto de outro perfil, configurando, assim, o caráter hipertextual de sua escrita.

Ao dar o primeiro clique sobre o texto compartilhado por ML, encontramos outro perfil – que nesse caso parece ser o do autor do texto em questão,³ mas poderia não ser – com inúmeras outras postagens e informações. Quando chegamos ao autor do texto, ou à página que deu origem à publicação compartilhada por ML, verificamos que o usuário não possuía uma conexão direta com ML, ou seja, eles não eram amigos.

Entretanto, mesmo não sendo amigos, verificamos que ML pôde entrar em um perfil desconhecido e de lá compartilhar uma postagem. Esse caso fez-nos pensar como a privacidade entre perfis é vulnerável. Mesmo que delimitemos que só os nossos amigos podem ver nossas publicações, se um deles visualizar e compartilhar em sua página algo do nosso perfil, as relações de amizade desse nosso amigo poderão fazer o mesmo e uma nova e infinita rede de relações estará ativada, rompendo com a nossa pretensa intenção de delimitar o acesso a nossos textos.

Esse pequeno novelo de conexões, estrutura móvel e volátil, construído por ML pode ser consultado e modificado constantemente por ele e, de certo modo, por muitas outras pessoas. A mobilidade aqui esboçada, que atravessa os textos do perfil de ML, representa apenas um pequeno traçado que a rede hipertextual do investigado pode percorrer. Através de textos, imagens, sons, citações e de outros fragmentos textuais encontrados e “salvos” pelo usuário ao longo das navegações, as páginas das redes sociais vão se modelando e remodelando.

Esse emaranhado de textos que modela e remodela a linha do tempo de ML possibilita-nos acessar várias informações pessoais sobre o usuário da página virtual que não foram descritas por ele linearmente. Por exemplo, ficamos sabendo que ML gosta de atividades esportivas e que as suas favoritas são corrida e natação, identificamos que a fotografia é o seu principal *hobby*, conseguimos perceber também um pouco de sua posição frente a questões políticas, o seu relacionamento com a família e o trabalho etc.

² O texto foi compartilhado em 14 de dezembro de 2014. Trata-se de um *cartum* com a imagem e o diálogo entre Batman e Robin. Robin pergunta: “-Batman, qual é melhor, Canon ou Nikon?” Batman responde: “-O fotógrafo, seu idiota!!!”

³ Ainda que não tenha sido o autor do perfil a produzir o *cartum*, provavelmente foi ele quem o copiou e publicou em seu perfil.

O autor do perfil deixa pistas do seu gosto pela música através da postagem de diversas fotos de bandas de rock e de orquestras da cidade onde mora. Ele publica também cartazes, divulgando concertos musicais, e fotos que evidenciam sua participação em alguns desses eventos. Além da música, ML fotografa e posta fotos do centro histórico e de várias igrejas de São João del-Rei. A espiritualidade do investigado fica também marcada através da sua participação em procissões e da publicação de imagens fotográficas dos tapetes manuais da Semana Santa de São João del-Rei – tapetes feitos com flores, areias coloridas e serragem, enfeitando o chão por onde as procissões passam. ML valoriza a arte, a cultura e a religião da cidade onde vive.

Entretanto, encontramos também dados pessoais e profissionais postados diretamente pelo administrador da página virtual, basta nos dirigirmos ao *link* “sobre”, que se localiza abaixo da foto de ML. Abaixo desse *link*, encontramos: local de trabalho do autor do perfil, a instituição de ensino onde estudou, a cidade em que mora, sua cidade natal e seu *status* de relacionamento – casado, solteiro, separado etc. Ao clicar no *link* “sobre”, abre-se uma nova página. Nela, encontramos informações sobre a vida profissional e pessoal do autor. Os *links* “trabalho e educação” surgem e todas as informações referentes a esses assuntos incluídas por ML podem ser encontradas. Por exemplo, ficamos sabendo que ML é professor universitário; foi professor na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, do dia 28 de Janeiro de 2010 a 13 de Julho de 2011; formou-se em uma Escola Estadual na turma de 1990; está cursando doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais. Há também informações sobre “família e relacionamentos”. Podemos encontrar o perfil de sua esposa com a data de seu casamento e também outros quatro perfis que ele adicionou como membros de sua família.

Ao clicarmos no *link* “fotos”, existem duas opções para visualizarmos todas as fotos postadas por ML. Na primeira opção, encontramos todas as fotos de forma cronológica, ou seja, temos acesso às fotos na ordem em que foram postadas, não na ordem das datas em que realmente foram tiradas. Na segunda opção, podemos visualizar as fotos de acordo com os álbuns que foram montados pelo próprio autor do perfil.

Muito sobre ML pode ser encontrado nos inúmeros textos fragmentados de seu perfil. Numa comunicação aberta que vai sendo feita e refeita a cada momento que um dado novo surge, num cruzamento de frases, fotos, mensagens, pistas, comentários, uma narrativa sobre o investigado vai sendo costurada. Assim como afirma Lévy (2006, p. 22):

O jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. Ao dizer que o sentido de uma mensagem é uma função do contexto, não se define nada, já que o contexto, longe de ser um dado estável, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado. Palavras, frases, letras, sinais ou caretas interpretam, cada um à sua maneira, a rede das mensagens anteriores e tentam influir sobre as mensagens futuras [...].

No mundo digital, o leitor recolhe informações de todas as partes – através dos escritos deixados pelo próprio autor do perfil ou por terceiros, ou através dos textos que são por eles compartilhados. Sem ter um caminho único e retilíneo para ler, coletar e publicar as informações, é possível construir narrativas móveis e abertas a partir do que é postado. Narrativas muito mais flexíveis do que as que eram utilizadas nos suportes textuais impressos habituais são configuradas nas páginas virtuais.

A estrutura digital possui uma dimensão reticular, favorecendo uma atitude exploratória frente ao material investigado. Deleuze e Guattari (1996, p. 14) comparam o livro a uma raiz fasciculada. Em uma visão rizomática, não há um caminho único e certo a seguir no perfil de ML, são vários os caminhos, várias as formas de se mover. A partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. A virtualidade consiste em uma variação de possibilidades que resulta na conexão de um ponto qualquer a outro, sendo pontos de naturezas diferentes que se conectam sem estarem necessariamente formando uma linha, uma sequência ou uma segmentaridade de pensamentos. Nas redes sociais, todos os usuários lidam com informações rizomáticas. O rizoma está inserido na vida dos que utilizam as conexões em rede.

Ao clicar no nome de uma das instituições de ensino que ML frequentou, é possível encontrar pessoas totalmente desconhecidas, até mesmo de outros países. Por outro lado, quando menos esperamos, aparecem alguns de nossos amigos “curtindo” a página do perfil analisado. Além de podermos visualizar o que é postado pelo administrador da página e os comentários de um número infinito de pessoas, podemos entrar no mundo de outras pessoas, ver as postagens dos amigos dessas pessoas e assim por diante. Não se pode imaginar o que será encontrado pela frente. É infinito o número de possibilidades, o número de lugares por onde podemos passar – *blogs*, *sites*, redes de relacionamentos – com apenas alguns cliques. Dessa forma, pode-se enxergar o rizoma como algo sem início nem fim, como um platô que pode ser modificado e remodelado a todo momento.

4. A perspectiva autobiográfica e biográfica do *Facebook*

A partir das páginas que foram “curtidas”, da visualização de um vídeo compartilhado, da rede de amigos construída, da leitura de um texto postado, de uma fotografia compartilhada ou da abertura de um álbum de fotografias, pode-se compreender um pouco sobre a vida de um indivíduo? Ou seja, pode-se configurar a biografia ou a autobiografia de uma pessoa a partir de seu perfil do *Facebook*?

Em *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*, Sérgio Villas Boas diz que a “[...] biografia é a vida de uma pessoa (acima de tudo) narrada com arte por outra pessoa (2008, p. 22)”. Quanto à autobiografia, Philippe Lejeune em *O pacto autobiográfico* afirma que o gênero é uma “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (2008, p. 14)”. Parece que o ponto de desvio principal entre os gêneros está no fato de a biografia ser uma narrativa contada por outra pessoa, o biógrafo, e a autobiografia ser uma narrativa contada e escrita pela própria pessoa que vivenciou os fatos narrados.

Apesar da complexidade que envolve as relações autobiográficas, Lejeune (2008, p.15) destaca a pressuposição de identidade entre autor, narrador e personagem central no texto autobiográfico. Nesse sentido, se levarmos em consideração os textos postados em uma rede social – textos produzidos pelo próprio autor do perfil e textos de autorias diversas –, como configuraremos esses espaços virtuais? Autobiográficos e biográficos? Quem escreve a página virtual é o próprio autor do perfil ou múltiplos autores? Com as redes sociais, surge um novo modelo de autobiografia e de biógrafo?

A linha que delimita o autobiográfico do biográfico parece escorregar, mover, transitar de um lado para o outro. Afinal, estamos lidando com lugares híbridos, que abarcam textos diversos, móveis, oriundos dos mais distantes e próximos espaços, produzidos pelo próprio autor do perfil, por um amigo ou por uma pessoa desconhecida. Estamos lidando com espaços intervalares, que são autobiográficos e também biográficos, que narram a história de vida do autor da página, mas narram também muitas outras histórias de muitas outras vidas. Espaços que são escritos e narrados pelo administrador do perfil, mas que são escritos e narrados também por tantas outras pessoas. Talvez, em fração de segundos, consigamos caracterizar o perfil de ML como sendo um texto autobiográfico, se considerarmos a autonomia do autor em selecionar o que entra e o que sai de seu perfil e a tendência de ele focalizar constantemente a história de sua vida. A autoridade da escolha do material que compõe a página virtual e a focalização da

vida do autor do perfil parecem ser os pontos que delineiam a tendência autobiográfica do *Facebook*. Afinal, o autor do perfil pretende travar um pacto de leitura conosco. Direta ou indiretamente, ele quer falar sobre si.

Se há pequenos distanciamentos, há também muitas aproximações entre os dois gêneros. Além de serem narrativas de vida, tanto a biografia quanto a autobiografia são textos referenciais, que trazem a imagem do real e por isso podem se submeter a uma prova de verificação:

[...] a biografia e a autobiografia são textos *referenciais* [...] eles se propõem em fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e se submeter, portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o “efeito de real”, mas a imagem do real (LEJEUNE, 2008, p. 36).

Quando entramos no perfil de ML, as primeiras informações que acessamos e que estão em destaque são: o nome e a foto do autor do perfil. Esses dados, em destaque no início da página, representam o real. Com eles, ML parece querer se apresentar e marcar sua autoridade, afinal ele é o administrador do perfil, é sobre sua vida que os textos tratarão e é ele que terá o poder de escolher e publicar o que comporá sua página virtual.

A veracidade das postagens pode ser constatada através de fotografias, de relatos e de comentários de pessoas que presenciaram e/ou participaram de muitos acontecimentos que ali estão publicados. Além disso, o fato de o autor do perfil ser aquele que publica os dados de sua própria vida valida e autentica muito do que é postado.

Lejeune destaca a importância do nome próprio nos textos autobiográficos: “[...] única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito” (2008, p. 23).

No nosso objeto de investigação, não só o nome próprio tem relevância e destaque. A imagem fotográfica do administrador do perfil é acompanhada do respectivo nome, reforçando sua existência e dando detalhes de suas características físicas – a valorização e exibição de atributos físicos são questões típicas da contemporaneidade.

Além do nome próprio, Lejeune (2008, p. 19) enfatiza que muitos autobiógrafos destacam a presença do pronome pessoal do caso reto de primeira pessoa, eu, na maioria dos textos autobiográficos. Tal pronome é marca típica de várias narrativas autobiográficas. No perfil de ML, além de imagem fotográfica e nome próprio, esse “eu” também não está

subentendido todas as vezes que uma mensagem, imagem, vídeo e textos são compartilhados de arquivos de terceiros? Mesmo sem escrever literalmente o pronome eu, ML não se faz presente através do material que compartilha?

Se o pronome de primeira pessoa é algo que compõe a maioria dos textos autobiográficos, questões como descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade, transparência e tempo atravessam muitas narrativas biográficas. Em nosso *corpus* de investigação, alguns desses elementos podem ser identificados? Como eles se configuram nos espaços virtuais?

De acordo com Sérgio Villas Boas (2008), a descendência consiste na explicação do estudo do biografado segundo sua ancestralidade. Nesse aspecto, usa-se a descendência para justificar certas características, personalidades ou postos sociais. Entretanto, essa suposta influência precisa ser comprovada através de questionamentos entre o indivíduo e sua estrutura genealógica:

[...] A ascendência/descendência é um aspecto considerável em um processo biográfico. Mas, antes de recorrer às linhas de parentesco, o biógrafo deveria se perguntar: a descendência constituiu o caráter de uma pessoa necessariamente? Qual o grau de influência que a família realmente exerce sobre um indivíduo? Estou seguro de que a ancestralidade “moldou” meu personagem? Se sim, como expressar isto de forma consciente? (VILLAS BOAS, 2008, p. 43)

Ao analisar o nosso objeto de pesquisa, observamos que o aspecto de descendência se manifesta com uma nova roupagem. Algumas fotos dos álbuns de ML evidenciam que a corrida e a natação fazem parte de sua rotina. Nessas fotos, o usuário sempre aparece acompanhado da filha. O gosto do pai por esporte parece estimular e impulsionar a garota a praticar atividades esportivas. É visível o envolvimento da garota com os esportes praticados pelo pai. Nesse sentido, as relações de ancestralidade não funcionam do passado para o presente – dos pais de ML para ele –, mas do presente para o futuro – de ML para a filha.

Sobre a extraordinariedade, Villas Boas pontua que se trata da descrição do biografado como um herói, enaltecendo seus feitos, habilidades e características que o levaram à vitória ou à conquista de algo, ou seja, acredita-se em uma genialidade inata. Entretanto, vale ressaltar que a extraordinariedade de um personagem não se dá somente pelo fato de suas virtudes o terem tornado assim, mas também por fatores coadjuvantes – o apoio que obteve de fatores

externos, como o apoio de familiares, amigos, sua posição socioeconômica na sociedade e outros:

[...] Numerosos fatores influenciam nas realizações de uma vida. Para uma carreira florescer e se destacar, muitas sinergias têm de convergir: mentalidade e cultura regional e da época, condições socioeconômicas, grau de persistência, apoio de pessoas próximas (e até distantes), autoestima, escolhas, chamados íntimos etc. O biografado e sua obra (material ou imaterial) contou com muitos coadjuvantes (2008, p. 121).

A extraordinariedade de ML é facilmente identificada nas postagens virtuais analisadas. Há fotos publicadas na linha do tempo do investigado que retratam o seu sucesso em competições de corrida e natação, além do esforço que realizou para desenvolver seus estudos de mestrado e doutorado. Ao divulgar diversas fotos de sua rotina de atividades físicas, destacando o momento de premiação das competições – subindo ao pódio e recebendo medalha, mostrando com orgulho a medalha –, podemos perceber o quanto ML se vangloria de realizar tais atividades. Além das fotos, ele escreve: “Um ano de corridas... Passa muito rápido... Feliz 2015!”;⁴ “Essa não foi a prova mais dura, não foi a mais desafiadora, não foi a que me cansou... Definitivamente, não. Essa foi a prova que me fez REVER conceitos e APRENDER comigo mesmo. CORRER É PRAZER, não é batalha. Que venha 2015!”.⁵

Outro exemplo de texto em que se pode identificar o fator heroísmo é quando ML posta uma foto com livros, anotações e canetas, acima da imagem encontramos os dizeres: “Einstein nos ensinou que o tempo é relativo... De fato: Lá fora, o sol e as férias... Aqui, um calor do cão e cada OK do rascunho virando um incremento na tese e uma vitória! Bolsa CAPES?? AHHHHH NEINN!!”.⁶ ML dedicava-se aos estudos enquanto muitas pessoas estavam se divertindo durante as férias. Como um herói que passa por várias provações para atingir seu objetivo, ML abre mão de momentos de lazer e de prazer em prol de uma causa maior – os resultados de sua pesquisa para a sociedade de um modo geral e o seu desenvolvimento intelectual – o que automaticamente trará benefícios para seus alunos.

Vale ressaltar que o apoio dos amigos também enaltece, valoriza e estimula as atitudes de ML. Através das mensagens de apoio que deixam nas publicações, os amigos reforçam e

⁴ Texto postado em 1º de Janeiro de 2015.

⁵ Texto postado em 7 de Dezembro de 2014.

⁶ Texto postado em 12 de Janeiro de 2015. Após os dizeres, há um *emoticon* com a informação: se sentindo determinado.

apoiam a conduta do investigado, valorizando sua determinação, motivando-o a continuar. ML segue com autoestima elevada e com a certeza de que está no caminho certo.

Quanto ao fator que diz respeito à “verdade”, podemos observar que se trata do principal aspecto que o leitor espera encontrar ao fazer a leitura de uma biografia: a verdade que mais se aproxima da verdadeira história do biografado. No entanto, em uma narrativa biográfica, a verdade dita como incontestável é inexistente. Na construção de uma biografia, o biógrafo tenta se aproximar ao máximo da vida e obra do biografado, no entanto, essa aproximação/compreensão nunca será totalmente efetiva, pois traços como opinião e percepção do biógrafo serão impressos na narrativa biográfica mesmo que de forma inconsciente. Assim como afirma Sergio Vilas Boas a respeito da desmistificação da biografia como a verdade, somente a verdade, nada mais do que a verdade sobre a pessoa:

[...] Um véu de verdade absoluta encobre as biografias, a visão dos biógrafos e a percepção de resenhistas e prefaciadores. O biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado? Pode-se recompor filosoficamente falando, a totalidade da vida de um indivíduo pela escrita? Não. Entretanto, há certas tradições biográficas estabelecidas, um modelo tácito que opera com uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem dúvidas (VILAS BOAS, 2008, p. 151).

Ao analisarmos as muitas publicações de ML, percebemos que ele faz questão de comprovar os acontecimentos de sua vida com a postagem de fotos que retratam os detalhes dos fatos ocorridos. As fotos, a presença e os comentários de outras pessoas atestam a veracidade dos acontecimentos. Além disso, é interessante observar que somente as ocasiões em família, alegres, que dialogam com conquistas e sucessos são publicadas. Entretanto, a vida não é feita somente de momentos felizes e de realizações.

Nem tudo o que ML expressa pode ser considerado como verdade absoluta, já que sua vida não é retratada na íntegra. Ele escolhe o que deve ou não ser postado em sua linha do tempo. Uma pessoa pode esconder aquilo que não deseja expor, encobrendo muitos acontecimentos. Assim, os amigos de ML podem enxergar sua vida de uma forma distorcida, algo que não condiz com a realidade. Dores, vexames, tristeza e fracassos, via de regra, não entram nas narrativas biográficas e autobiográficas.

O fator que tange à transparência refere-se ao princípio de que os biógrafos devem compartilhar com os leitores seus processos perceptivos e intelectuais de construção textual, de forma a revelar as fontes e métodos que resultaram na biografia final, na história final.

Como se configura então o processo intelectual de construção textual de ML? Biógrafo dele mesmo, o autor do perfil investigado compõe sua página virtual praticamente com textos de sua autoria – fotos de paisagens e fotos dele participando de eventos. Além disso, ele tem o hábito de narrar a sua participação em um evento através de uma postagem verbal e logo em seguida com uma imagem fotográfica que evidencia a sua presença em tal evento. A foto, além de comprovar sua ida a uma corrida, por exemplo, contribui para dar transparência e veracidade aos fatos narrados.

As postagens de ML mostram-se sempre muito detalhadas. Além dos textos verbais e fotográficos, o usuário está sempre alimentando seu perfil com a utilização de várias outras ferramentas que enriquecem sua narrativa cotidiana, como a marca dos quilômetros que percorreu, por exemplo, durante uma maratona.

ML detalha os acontecimentos de sua vida e é bastante franco, deixando claro para os leitores os sacrifícios e as dificuldades por que passou para atingir seus objetivos. O modo transparente como vai construindo seu perfil parece envolver os amigos. A cada postagem sobre algum evento em que o mesmo compareceu, a cada graduação concluída, a cada concurso participado, os amigos vão deixando comentários parabenizando-o. Diante do exposto, Sergio Vilas Boas afirma:

[...] Ora, não existe nenhuma regra declarada ou subentendida que impeça o biógrafo de dar transparência a sua narrativa pela inclusão (pertinente, sensata e comedida) de suas dúvidas, suas escolhas, seus conflitos, seus impasses, suas vivências ao longo da jornada biográfica; dizer, por exemplo, como chegou lá e até onde não pode chegar por causa disso e daquilo. Mas não uma ou duas linhas no prólogo. Refiro-me ao expor-se no contexto do que narra, a fim de imprimir franqueza e liberdade de espírito (2008, p. 180).

Grande parte das narrativas biográficas redigidas em folhas de papel lança mão de uma construção temporal embasada na sequência linear cronológica para narrar os fatos. A maioria dos biógrafos tende a escrever suas biografias calcadas em uma progressão cronológica, tendo como base o calendário gregoriano. Tais obras abordam a vida do biografado desde o nascimento até a sua morte. Quanto à construção de uma narrativa baseada em uma cronologia rígida, há os que são a favor e os que são contra.

Um dos argumentos desfavoráveis sustenta-se na concepção de que a biografia é uma simulação e não o monumento da existência. Sendo assim, torna-se impossível descrever a vida de uma pessoa com o objetivo de narrar e reproduzir todos os eventos ocorridos desde o

momento em que o indivíduo nasceu até a sua morte. Já o argumento favorável diz respeito à organização dos fatos, ou seja, disponibilizar os acontecimentos cronologicamente faz com que os leitores tenham uma assimilação e compreensão melhor da vida do biografado.

Como o próprio título da página virtual sinaliza, a linha do tempo dos perfis do *Facebook* organiza as postagens em ordem cronológica, semelhante ao processo linear e sequenciado das narrativas biográficas tradicionais. A primeira data vinculada ao perfil de ML é a data de seu nascimento, dia 20 de maio de 1973. Depois dessa data, estão disponibilizados vários marcos, um para cada período, segmentando e organizando a quantidade de publicações de ML por ano: 1990, 1994, 2000, 2008 a 2015.

Apesar dessa organização cronológica, é importante destacar a flexibilidade e a perspectiva rizomática e hipertextual no modo como as páginas virtuais podem ser manuseadas. Tal manipulação do tempo é notória no perfil de ML quando o autor da página posta uma fotografia no dia 06 de outubro de 2014, lembrando momentos vividos com sua tia na infância. Na fotografia em preto e branco, ML é um bebê no colo da tia já falecida. A data da postagem não corresponde à data da vivência dos fatos retratados na foto. Nesse sentido, não há necessariamente correspondência entre o momento em que os fatos ocorreram e a data em que foram publicados no *Facebook*.

5. Considerações Finais

ML e todos os outros usuários dessa rede podem compor seus perfis com textos atuais, publicados imediatamente após sua produção, como podem postar textos ou fotos antigas, produzidos anteriormente à data da publicação, ou seja, o texto aparece com a data em que foi inserido na página, cronologicamente, diferentemente da real data do acontecimento.

Cada usuário tem o livre arbítrio de alimentar sua linha do tempo como bem desejar. A questão temporal é supostamente ordenada pela marca da passagem dos anos na página virtual. Entretanto, quando acessamos os álbuns ou as publicações, as postagens impulsionam-nos a movimentos reticulares.

A partir de textos postados nas datas em que os fatos ocorreram ou não, fazendo uma leitura linear ou de modo reticular, através de publicações produzidas pelo próprio autor do perfil ou de terceiros, é possível falar sobre a vida de um indivíduo comum ou célebre. Num cruzamento de texto biográfico e autobiográfico, construímos narrativas possíveis sobre um

homem de 41 anos, casado, pai de uma filha, professor universitário, religioso, amante da música, da arte, dos esportes, da fotografia e atento às ferramentas tecnológicas de seu tempo.

Com uma máquina fotográfica, ML registrou muito do seu cotidiano e exteriorizou boa parte do material fotográfico que produziu em uma superfície virtual: o *Facebook*. Foi através dessa materialidade, dessa superfície física, do aspecto topológico descrito por Jacques Derrida em *Mal de arquivo* (2001), que pudemos abrir as páginas virtuais de ML e assim ler sua autobiografia e biografia fragmentada e heteróclita.

Como todo arquivo, virtual ou não, o perfil investigado é uma questão de penhor e como todo penhor uma questão de futuro. Num tempo futuro à construção narrativa do administrador do perfil, abrimos o *Facebook* de ML e fizemos uma das infinitas leituras possíveis em sua página virtual. Quem sabe, em um tempo posterior ao nosso, a linha do tempo investigada se abra novamente sob outro comando – o aspecto nomológico de todo arquivo – e muitas outras leituras emergjam, suplementando e remodelando a que aqui se configura.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARRI, F. Rizoma. In: DELEUZE, G.; GUATTARRI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. 34. ed. Rio de Janeiro: editora, 2004. p. 11-37.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 34. ed. Rio de Janeiro: editora, 2006.

SALLES, C. Crítica genética e semiótica: uma interface possível. In: ZULAR, R. (Org.). **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SANTIAGO, S. (Sup.). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976

VILLAS BOAS, S. **Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

Artigo recebido em: 28.02.2015

Artigo aceito em: 30.04.2015